

A RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO CONTEXTO PRÉ E DURANTE A PANDEMIA

Ellen Silva dos Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Jaqueline Alves de Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Ana Maria Oliveira Lima

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Zeneide Paiva Pereira Vieira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Este artigo é resultado de discussões nas disciplinas de Estágio Pesquisa e Estágio Extensão do Curso de Letras - UESB, bem como das primeiras vivências no Programa Residência Pedagógica, já na modalidade remota. A partir de nossa preocupação com a importância do ensino de Língua Portuguesa, procuramos compreender se ocorre a falta de interesse dos alunos para com esta e o momento atual em que vivemos. Assim, por meio de uma pesquisa bibliográfica, temos como objetivo refletir acerca do que já foi publicado sobre o desinteresse do aluno do ensino básico pela disciplina de Língua Portuguesa e os prováveis fatores que os levam a isso, incluindo este momento pandêmico e a necessidade do ensino remoto. Nesse processo, consideramos o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, observando as metodologias e a relação professor-aluno como pontos de discussão. Baseamo-nos, para isso, em estudos e pesquisas que concernem à formação docente e suas práticas, tendo como referências Paulo Freire (2018), dentre outros; a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996); e nossas experiências como bolsistas no Programa Residência Pedagógica – UESB (2020-2021). Ademais, discutimos como essas metodologias e a relação professor-aluno vêm ocorrendo durante o ensino no cenário pandêmico e remoto em que nos encontramos, por intermédio de um breve panorama do ensino de Língua Portuguesa no contexto pré e durante a pandemia. Desta forma, os fatores aqui abordados nortearão as possibilidades a serem seguidas para o bom andamento do ensino ao que tange as metodologias e a relação professor-aluno.

Palavras-chave: Ensino remoto. Língua Portuguesa. Relação professor-aluno.

Introdução

O ensino de Língua Portuguesa sempre foi marcado pelo ensino da gramática, de uma forma engessada e distante. Assim, o desinteresse dos alunos pode ter em sua constituição a forma como essas aulas de gramática são ministradas. Diante desta realidade, questionamos: O que há nas aulas que contribui para o aluno não conseguir associar o seu dia a dia com o que ele estuda na escola? Qual a importância de se estudar uma língua que já é utilizada por eles? Em que medida a relação professor-aluno pode contribuir com a resistência do discente em relação à disciplina de Língua Portuguesa?

Entendemos que o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa está cercado de fatores que o torna desinteressante para os discentes, e o principal deles é o fato de que nós já somos falantes do Português. Desta forma, torna-se imprescindível que haja uma mútua colaboração entre professor e aluno. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo geral refletir acerca do que os estudos sobre tal temática demonstram sobre o desinteresse do aluno, do ensino básico, pela disciplina de Língua Portuguesa, se há influência da relação dele com o professor ministrante para o aprendizado dessa disciplina e como isso está ocorrendo no ensino remoto.

Por entender que os discursos são, muitas vezes, baseados em outros discursos, o embasamento teórico pauta-se em Paulo Freire (2018), no que concerne à formação e aos saberes docentes; Sírio Possenti (1996), no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa; Ester Sousa (2014), ao tratar de estratégias para o ensino da nossa língua materna; Luciano Oliveira (2010), que aborda, além de reflexões sobre métodos de ensino, a importância de ensinar a Língua Portuguesa para quem já a conhece e a usa; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), no tocante à carga horária do ensino e das possibilidades de adaptações do calendário escolar; e nas nossas experiências como bolsistas no Programa Residência Pedagógica – UESB (2020-2021).

Desse modo, utilizaremos como vertente teórica de pesquisa a revisão de artigos científicos somados aos autores basilares citados acima, de forma que as questões envolvendo o presente objeto de estudo tendem a serem reflexivas, no sentido de dialogar com esses autores em busca de compreensão e de respaldo a questões importantes do ensino de Língua Portuguesa, compilando possíveis saídas para um trabalho que possa trazer o aluno para um lugar bem mais próximo à disciplina.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: na primeira parte, consultamos alguns dos autores apresentados e visitamos alguns artigos a fim de explorar o que se tem discutido a respeito da relação professor-aluno que contribui para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e compilamos possíveis soluções para esse desinteresse dos alunos em estudar sua língua materna. Em seguida, a partir do mesmo processo de revisão de artigos e consulta aos autores citados, verificamos a relevância do ensino da respectiva disciplina e listamos quais os motivos que podem influenciar o aluno a se desinteressar por essa área, no ensino básico; logo depois, exploramos a temática do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, seguindo a mesma metodologia. Por fim, discutimos a implantação do ensino remoto e como esses aspectos referentes às metodologias e à relação professor-aluno podem

ocorrer neste novo cenário que se instaurou.

A relação professor-aluno

Paulo Freire (2018) em “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa” discorre sobre a relação do professor e do aluno como uma relação que demanda afetividade. *Ensinar exige querer bem aos educandos* é o título do capítulo em que o autor comenta que querer bem ao outro faz parte do compromisso do professor como profissional que busca selar uma relação prática de humanidade. Além disso, Freire (2018) defende que é preciso descartar a falsa ideia de que a responsabilidade docente e a afetividade são posturas que se separam. Nesse sentido, nossa compreensão parte da ideia de que tal fator colabora na construção de estigmas no que diz respeito à relação professor-aluno, o que estabelece barreiras entre estes sujeitos, submetidos a uma invisibilidade mútua na aprendizagem.

Freire (2018, p.138) comenta que “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade” ao justificar que o professor quando adota uma postura mais afetiva com o aluno não é impedido de exercer bem o seu ofício, pois, segundo o autor, o que o docente não pode fazer é se ausentar do compromisso ético com os seus deveres enquanto profissional. Entender que a educação faz parte da formação humana nos ajuda a tentar colaborar de maneira efetiva com essa formação em todos os estágios. Por isso, defendemos que o aprendizado de Língua Portuguesa ou em qualquer outra disciplina é, também, resultado da acessibilidade entre as relações dos sujeitos.

Na mesma perspectiva que Freire (2018) propõe, Brenda Nogueira e Silvar Santos (2019) comentam que é notável a dificuldade que alguns professores têm em manter boas relações com seus alunos. Na tentativa de tentar entender esse processo e de verificar a eficácia dos métodos de ensino utilizados, as autoras têm como uma de suas referências a filósofa Luiza Müller (2002), em seu artigo intitulado “A interação professor-aluno no processo educativo”, a qual afirma que:

Ao professor, cabe, então, propiciar ao aluno a possibilidade de utilizar seu pensamento para crescer, se libertar e sair da menoridade, da submissão do seu pensamento ao pensar de outra pessoa. Na relação professor-aluno, o professor, usando da afetividade, poderá entender melhor seus alunos e conseguir elementos para atingir seus objetivos. (MÜLLER, 2002, p. 177 *apud* NOGUEIRA E SANTOS, 2019).

Percebe-se, portanto, que a discussão dessa temática é bastante contextualizada, uma vez que se trata de sujeitos e de situações específicas. Também, a abordagem requer um olhar sério e empático, sob os quais somente educadores comprometidos com o bem-estar no

ambiente de trabalho conseguem perceber. Por conseguinte, é notório que partilhamos do mesmo pensamento que os autores aqui elencados, pois é no fazer e na vivência do dia a dia da sala de aula que se constrói professores de excelência e alunos motivados. A nossa intenção não é trazer uma abordagem que desconsidera a realidade, mas, justamente, dizer que a realidade existe para ser o estopim das possíveis mudanças.

Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa

Toda a problemática que envolve o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa perpassa por um dos aspectos importantes que é a metodologia utilizada pelos professores em sala de aula. Diante disso, Dorotea Kersch e Ingrid Frank (2009, p. 50) salientam que “nas últimas décadas, professores de português e linguistas têm se ocupado com a crítica ao ensino tradicional, marcado pelo artificialismo, pela descontextualização, pela gramatiquice”, que viria causando desinteresse nos discentes.

A partir disso, ressaltamos a problemática que envolve desempenho não satisfatório dos estudantes na disciplina de Língua Portuguesa, nos últimos anos, refletindo o que ocorre em sala de aula. Nesse ínterim, Lívia Suassuna (2006, p. 32-33) destaca a importância de os professores da disciplina conceberem “a linguagem como forma de interação entre as pessoas; [...] colocar o estudo formal da linguagem a serviço do dizer”, procurando dinamizar as aulas, mostrando a aplicabilidade do que se estuda sobre sua própria língua e a relevância desse estudo.

O docente deve entender, portanto, “que o ensino de nossa língua precisa ser transformado de acordo com a dinâmica social” (SUASSUNA, 2006, p. 19) e, a partir disso, desenvolver estímulos que colaborem com o discente a compreender sua realidade dentro das aulas. Nessa perspectiva, destacamos o que nos é apresentado da *4ª Competência Geral da Educação Básica*, presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, que nos assegura:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (BRASIL, 2018, p. 9).

Dessa forma, o ensino, nas suas diversas áreas, deve ser contextualizado de acordo com a realidade em que estão inseridos os alunos, a fim de que possam ser percebidas as novas possibilidades dos usos da língua, para ressaltar a importância das aulas de português e

do seu domínio em todas as esferas. Com base no exposto, frisamos a notória relevância do pressuposto interacionista que pode ser cumprido pelo ensino da língua. Para isso, Sousa (2014) ressalta que o uso da Linguística Aplicada (LA) pode ser uma imponente estratégia de ensino, uma vez que essa concepção tem em sua função a observação do contexto dos envolvidos e o trabalho que se pode realizar a partir dele.

Consoante às discussões, Possenti (1996, p. 26), no capítulo *Não há línguas fáceis ou difíceis*, em sua obra “Por que (não) ensinar gramática na escola”, faz uma análise sobre a língua, desde a influência europeia e o olhar sobre as línguas primitivas, e afirma que “todas as línguas são estruturas de igual complexidade”, isto é, segundo o linguista, não existem línguas mais simples e línguas mais complexas (primitivas e desenvolvidas), o que existem são línguas diferentes. Desse modo, o professor ao ensinar Língua Portuguesa pode explicar a seus alunos essa noção de que as variantes locais, por exemplo, não são menos cultas do que as ditas civilizadas, o que ocorre é uma estigmatização, fazendo com que as pessoas enxerguem o aprendizado de sua própria língua como uma barreira.

Paralelo a isso, no artigo “A importância da relação entre professor e aluno no processo de Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa”, as autoras Nogueira e Santos (2019) discorrem sobre o envolvimento do professor com o aluno, partindo de uma perspectiva que defendemos aqui: a da contribuição do docente para o ensino-aprendizado de Língua Portuguesa. As pesquisadoras selecionam como objeto de pesquisa turmas do Ensino Fundamental Anos Finais e refletem, a partir da experiência que tiveram no estágio supervisionado, em que aplicaram questionário com algumas perguntas, uma delas foi se os alunos gostavam da disciplina de Língua Portuguesa. Os discentes comentaram que gostam “mais ou menos”. Inquietas acerca da resposta, elas buscaram entender o porquê disso e descobriram que, para os discentes, os conteúdos eram difíceis e pautavam-se em regras gramaticais.

Não diferente do que abordamos desde o início e do que Possenti (1996) destaca, o ensino da língua materna tornou-se aprendizado de regras gramaticais, e isso, para uma turma de Ensino Fundamental Anos Finais, sem uma metodologia adequada, é maçante. Dessarte, segundo Nogueira e Santos (2019, p.5), “[...] eles responderam que para eles as aulas deveriam ser mais dinâmicas, dialogadas, que os motivassem e com alunos e professores dedicados e qualificados, respectivamente”. Por isso, as autoras enfatizam a importância e a contribuição que um professor tem para que o aluno consiga atingir bons resultados no aprendizado. Não somente isso; para nós, baseado também no que Possenti (1996) aponta

como ensino da língua materna, trata-se de enxergar não só o porquê de tais ocorrências em sala de aula, mas em como tentar propor estratégias que solucionem ou minimizem os problemas criados por meio dos estereótipos acerca do ensino de Língua Portuguesa.

Metodologias para o ensino básico de Língua portuguesa

Partindo do pressuposto de que o ensino de Língua Portuguesa é submerso por uma caricatura de complexidade baseada, em sua grande parte, no fato de já sermos falantes do Português e pela metodologia utilizada pelo professor para dinamizar essas aulas, como abordamos acima, Luciano Amaral Oliveira (2010) dedica dois capítulos a essas questões que envolvem o ensino do Português, uma delas é a percepção que os falantes têm em relação ao que conhecem da própria língua, sendo fruto do ensino descontextualizado.

Oliveira (2010) argumenta que muitos dos brasileiros supõem que saber o português seria apenas saber a gramática, confundindo, na maioria dos casos, o que seria saber a língua portuguesa e o que seria dominar a gramática normativa, que, para o autor, são coisas totalmente diferentes. Nessa percepção dos falantes, é possível notar o quanto o domínio da gramática normativa é importante por um lado, mas complexa por outro, que, quando descontextualizado, não se torna interessante, na medida em que eles podem entender esse estudo como perda de tempo.

Contrariando esse achismo popular, Oliveira (2010, p.40) defende que “saber português não é ter o domínio inconsciente das estruturas gramaticais [...] mas também ter o domínio das normas socioculturais de comportamento que nos possibilita interagir com o outro” e é nisso que se reside a importância de se ensinar a língua materna a seus falantes nativos. Assim, o estudo da gramática é indiscutivelmente necessário nas aulas de Língua Portuguesa, porém é importante que o professor ensine de modo contextualizado, sem que pareça que tal conteúdo não tem utilidade futura na vivência dos discentes.

Partindo desse viés, pensamos que seja essencial que o professor, enquanto pesquisador, invista numa proposta pedagógica capaz de apresentar aos discentes a importância da língua para a contribuição das vivências do dia a dia, visto que o ensino de Língua Portuguesa se pauta, dentre outras questões, na identificação do sujeito com sua língua materna e na compreensão dessa língua em suas variedades.

Implantação do ensino remoto

Ao sermos acometidos pelo advento da pandemia da COVID-19, fomos observando as intensas mudanças que ocorreram em nossa sociedade, e na educação não foi diferente. A partir da necessidade de implantação do distanciamento social, como forma de frear o contágio pelo vírus, as escolas foram os primeiros alvos dessa ação, ficando fechadas. Com isso, o ensino foi inserido em um ambiente não imaginado por todos aqueles que vivenciam o contexto educacional. Não havendo outra saída para a sua retomada, durante o cenário pandêmico que se encontra ainda instaurado em nosso país, o Conselho Nacional de Educação (CNE) – subárea do Ministério da Educação e Cultura (MEC) – aprovou a Medida Provisória (MP) nº 934/2020 que propõe a flexibilização da carga horária máxima de ensino e, conseqüentemente, a reorganização do calendário escolar durante esse período.

Diante da situação sanitária enfrentada, a referida MP, convertida na Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, a partir de sua proposta de parecer sobre reorganização dos calendários escolares e realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia da COVID-19:

[...] flexibilizou o cumprimento do calendário escolar ao dispensar os estabelecimentos de ensino da obrigatoriedade de observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, desde que cumprida a carga horária mínima anual estabelecida nos referidos dispositivos, observadas as normas a serem editadas pelos respectivos sistemas de ensino. (BRASIL, 2020).

Com a possibilidade de reorganização do calendário escolar, uma das principais preocupações se deu com o cumprimento da carga horária e dos dias letivos assegurados pela Lei de Diretrizes e Bases (1996) para cada nível da educação básica que consiste em:

Art. 24. A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

I- A carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver;

A aprovação da MP acima citada encontrou-se resguardada pelo Artigo 23 § 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que assegura que “O calendário escolar deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta Lei”. A partir disso, a MP apresenta como uma de suas possibilidades “a realização de atividades pedagógicas não presenciais (com ou sem mediação *on-line*) durante o período de emergência, garantindo ainda os demais dias letivos previstos no decurso dos mínimos anuais/semestrais”. Desta forma, temos instituído o ensino remoto, organizado a partir das modalidades síncronas e assíncronas - cujas atividades serão realizadas em caráter não

presencial, podendo ser ou não mediadas através dos variados recursos tecnológicos disponíveis.

Ao que concerne especificamente ao ensino fundamental, séries finais e ensino médio, a MP elege como possibilidades de atividades pedagógicas:

realização de atividades *on-line* síncronas de acordo com a disponibilidade tecnológica; oferta de atividades *on-line* assíncronas de acordo com a disponibilidade tecnológica; estudos dirigidos, pesquisas, projetos, entrevistas, experiências, simulações e outros; realização de testes *on-line* ou por meio de material impresso a serem entregues ao final do período de suspensão das aulas; utilização de mídias sociais de longo alcance (WhatsApp, Facebook, Instagram etc.) para estimular e orientar os estudos, desde que observadas as idades mínimas para o uso de cada uma dessas redes sociais. (BRASIL, 2020).

A implementação de um ensino remoto, na educação básica, remete-nos a uma série de reflexões, como as citadas anteriormente em relação ao ensino presencial pré-pandemia. Como será a relação professor-aluno, em um contexto totalmente diferente do habitual? Qual a metodologia será adotada pelo professor no planejamento de sua aula, em um formato remoto, e como essas aulas serão aceitas por seus discentes? Essas e muitas outras indagações podem ser feitas ao observarmos a sociedade em que estamos inseridos; ao nível de informações e condições que estão acometidos nossos alunos, tal como alguns professores, por se tratar de uma realidade atípica para todos nós.

As aulas de Língua Portuguesa por meio do ensino remoto

Como exposto nas seções acima, o ensino de Língua Portuguesa enfrenta inúmeros desafios no que diz respeito ao interesse do aluno. Apontado e respaldado por muitos autores, toda essa problemática envolve a metodologia utilizada pelo professor em ministrar suas aulas, dificultando o estabelecimento de uma relação do conteúdo com a realidade e, conseqüentemente, a relevância do que se estuda na disciplina em questão. A partir disso, o que podemos pensar, partindo do que foi exposto sobre o ensino presencial, das aulas de Língua Portuguesa no ensino remoto?

No Programa de Residência Pedagógica – RP/UESB, nós percebemos os variados desafios que esse momento de pandemia trouxe para o ensino e para quem está envolvido com ele, partindo de uma tensão em como recuperar o contato com os alunos, como incentivá-los a voltarem às aulas, agora em um novo formato – remoto síncrono e assíncrono - depois de tanto tempo ausente da escola; como planejar aulas que fossem atrativas e como usar e explorar as plataformas e os recursos disponíveis. Tudo isso nos fez refletir em como

poderíamos amenizar esses danos causados pelo período pandêmico para o ensino. Nesse sentido, modificou-se a elaboração de planos de aula e outros aspectos foram considerados: o que fazer, como fazer, para quem fazer e de que forma fazer com a tecnologia à disposição? Assim, as aulas de Língua Portuguesa precisaram ser reinventadas.

Inicialmente, fizemos uma sondagem e várias reuniões com a coordenação do programa e com a professora regente das turmas, para elaborarmos planos de aulas adaptados ao momento. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do ensino médio e currículos visa assegurar as aprendizagens essenciais para cada etapa da educação básica, já que elas são realizadas por tomadas de decisões importantes que moldam o currículo. Desse modo, tais decisões se adequam às propostas desse documento de acordo com a realidade local, ao considerar a autonomia das redes de ensino e das instituições escolares, da mesma maneira que o contexto e as características dos alunos. O documento sugere:

[...] contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas. (BNCC, 2018, p. 16).

À vista disso, o nosso planejamento de aula ocorreu para as turmas de Agropecuária e Agroecologia do primeiro ano de ensino médio técnico em uma escola pública de Vitória da Conquista e baseou-se no contexto pandêmico, no contexto de formação técnica dos alunos e em um diálogo muito preciso com a professora regente das turmas, por intermédio de reuniões virtuais. Inicialmente, elaboramos aulas de Linguagem, para abordar o conteúdo *Gênero digital meme*. Para isso, nos reunimos com a coordenadora do projeto e a professora regente com o fito de construirmos esse percurso metodológico, o que gerou a seguinte discussão: (i) Quais seriam os conteúdos abordados para chegarmos ao *Gênero digital meme*? (ii) Qual seria a ordem de apresentação de cada conteúdo? (iii) Quais os recursos e as mídias que poderíamos utilizar nas aulas, e fora delas, como forma de interação? (iv) Qual seria o tempo de cada aula? (v) Como poderíamos verificar a aprendizagem dos alunos?

As aulas ocorreram na seguinte maneira: a) *Linguagem verbal, não-verbal e híbrida*: nessas aulas, como nas demais, foram utilizados recursos do *Google meet* para a reprodução de slides, a exploração do uso de imagens, *memes* – já como forma de contextualização com o objetivo final da sequência e a utilização de *Quiz*. Para este conteúdo, usou-se a ferramenta *Jamboard*, também do *Google*, com o objetivo de estimular a interação dos alunos para construção de uma “tempestade de ideias”, culminando com jogos para verificação da aprendizagem; b) *Gêneros textuais*: nesse conteúdo, houve a explicação inicial do que seria

um texto e quais textos podemos identificar dentro de um modelo comunicativo, ou seja, os próprios gêneros textuais do discurso, sendo apresentados: cartas (aberta e pessoal), bilhete, música, tirinhas, charges, etc.

Em seguida, foram ministradas aulas sobre c) *Gêneros Digitais*: com uma breve explicação do que são e qual a sua origem, além da explicação do conteúdo por meio de diversos *memes* que circulam nas redes sociais na atualidade, como também *memes* relacionados aos cursos de Agropecuária e Agroecologia; por conseguinte, d) *Tipos textuais* foi o último conteúdo trabalhado. Nessas aulas, fizemos as explicações acerca do conteúdo, ocorrendo a partir da exploração de imagens do cotidiano dos alunos, de textos curtos e de músicas, também do cotidiano dos alunos, a fim de que eles pudessem interagir e identificar as tipologias textuais apresentadas. Como forma de verificação do aprendizado, foi desenvolvido um *Quiz*, para que os estudantes, a partir de trechos curtos de textos, identificassem a tipologia predominante, isso ainda durante a aula, como forma de sanar possíveis dúvidas dos alunos.

Dessa forma, elaboramos aulas dinâmicas, explorando os recursos que tínhamos disponíveis, como a própria plataforma de aula, com a interação no chat – recurso importante para observação de participação e estratégia utilizada para interação. Também, tivemos a nossa disposição as plataformas de desenvolvimento de jogos; o garimpo de textos precisos que faziam parte do cotidiano dos alunos; o uso de diferentes semioses como vídeos, músicas, imagens que eram conhecidas e que geravam discussões necessárias e importantes. Utilizamos ainda o grupo do *WhatsApp*, no qual recebíamos dos educandos o *feedback* das aulas, e, assim, conseguimos observar o intenso interesse e o desenvolvimento deles, como exposto nas figuras a seguir:

Figura 1: Grupo criado no WhatsApp para manter contato com os alunos



Descrição

Sejam bem-vindos ao nosso meio de interação virtual 🗣️

•Este grupo tem a finalidade de promover uma interação entre nós - além do ambiente de sala de aula virtual.

•Esperamos ver por aqui comentários sobre a aula, compartilhamento de ideias, sugestões e curiosidades de vocês.

Observação 1: o grupo permanecerá fechado, tendo dois momentos (à tarde e à noite) em que abriremos para interação.

Observação 2: para entrar no grupo basta acessar o link

Desejamos que gostem das aulas e interajam conosco 😊

Fonte: dados da pesquisa

Figura 2: Feedback dos alunos sobre as aulas, no grupo do WhatsApp



Fonte: dados da pesquisa

Figura 3: Interação dos alunos após realizarem a atividade proposta, nesse caso, o Quiz



Fonte: dados da pesquisa

Um outro recurso que utilizamos e que foi uma experiência interessante para ambas as partes – nós e eles – foi a criação de um *blog* para a turma, recurso que estava além da sala de aula. Esse foi um meio que idealizamos como forma de registrar os conteúdos e as produções dos discentes durante os encontros. Foram divulgadas as atividades de produção solicitadas durante as aulas, como forma de dar visibilidade às criações dos discentes e estimulá-los a novas produções. O *blog* se tornou, conseqüentemente, um canal de consulta das aulas para aqueles que buscavam revisar o que foi estudado e funcionou principalmente para aqueles discentes que não podiam participar das aulas sincronicamente, como veremos nas figuras abaixo:

Figura 4: Tela do blog



Fonte: dados da pesquisa

Figura 5: Registro das aulas no blog



Fonte: dados da pesquisa

Figura 6: Registro, no blog, de atividades realizadas pelos discentes



Fonte: dados da pesquisa

O trabalho realizado com os discentes nos possibilitou observar resultados positivos; o comprometimento e a interação assídua dos alunos foram fatores decisivos para isso. Essa realidade nos fez refletir sobre a importância da coletividade na educação durante a pandemia, pois traçar esse caminho de planejamento não foi fácil. Alunos e mestres em novo formato educacional, aumento da carga horária de trabalho para o docente e, conseqüentemente, o cansaço físico e mental e a busca de novas estratégias constituíram novas marcas e novos desafios para o fazer pedagógico.

Ademais, pensar essa nova disposição para o cumprimento das aulas é, também, pensar em saúde, e é por isso que o ensino remoto exige de nós, professores, uma flexibilidade maior para entendermos todas as questões que o envolvem. Reinventar a prática pedagógica foi um grande desafio, nos tirou da zona de conforto no que diz respeito à rotina de planejamento que tínhamos. Em síntese, as aulas de Língua Portuguesa foram ministradas de maneira dinamizada, com o intuito de que houvesse um ensino-aprendizagem efetivo, respaldado na coparticipação. O momento que nos encontramos exige, mais do que nunca, um olhar especial para as escolhas relacionadas ao bom andamento das aulas, ao interesse em explorar o que temos a nossa disposição: a tecnologia e a vontade de tornar ideias em realidade.

Conclusão

Pelo exposto, entendemos que a educação, presencial ou remota, é um mecanismo emancipatório para o indivíduo, e pensar na prática do ensino da língua materna e na relação de seus sujeitos é proporcionar a eles novas perspectivas. O professor, enquanto agente formador, deve e pode pensar a sua formação criticamente para oferecer a seu alunado os melhores meios de ensino-aprendizagem, não distante da realidade dada, mas também não cético para que não acredite na melhoria dela. A relação professor-aluno ocorre nesse processo: no reconhecer-se no espaço escolar.

Com a pandemia da COVID 19, surgem, também, outros questionamentos acerca do ensinar e aprender: O que fomos capazes de fazer com as aulas síncronas e assíncronas que não seria possível no ensino presencial? O que ficou de lacuna no ensino remoto que, talvez, não ficaria com as aulas presenciais? A partir desses questionamentos, é notório que tenhamos um projeto de ensino, de modo geral, para esses alunos, visando proporcionar a exploração de novos recursos, novas experiências para pensarmos na educação a longo prazo. Portanto, se no atual momento pensamos em recursos tecnológicos, situação econômica, estrutura dos lares e saúde, por exemplo, faz-se necessário e urgente pensarmos também em como amenizar os prejuízos causados pela pandemia; e na educação os reflexos são muitos.

O ensino de Língua Portuguesa deve ser baseado no aprendizado da leitura de mundo, que tem função identitária para o indivíduo, que o considere sujeito crítico e apto a compreender suas próprias vivências. Isso porque tais valores são fundamentais para a formação cidadã, tanto no período atual quanto no pós-pandemia. Por conseguinte, espera-se que a educação básica, fragilizada atualmente, consiga se reerguer a partir de planejamentos sólidos, com o objetivo de avaliar quais foram as consequências positivas e negativas e como se pode agir posteriormente. Por isso, a relação professor-aluno é fator contribuinte e atemporal para resolução desse desafio. Logo, é na tentativa desses esforços que compreendemos o caminhar pedagógico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Medida Provisória nº 934 de 01 de abril de 2020**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, 1º de abril de 2020; 199º da Independência e 132º da República.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Proposta de parecer sobre reorganização dos calendários escolares e realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia da COVID-19**. Disponível em: Texto Referência - Reorganização dos Calendários Escolares - Pandemia da COVID-19 (cnm.org.br). Acesso em: 08 de abr. de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DE SOUZA, Wellington Gomes; DE JESUS BEZERRA, Jaqueline. **A pandemia e a urgência das tecnologias: reflexões sobre os desafios para o ensino de língua portuguesa em tempos de isolamento social**. *Signo*, v. 46, n. 85, p. 2-14, 2021.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. **Aula de Português um cenário discursivo a ser investigado**. Edições UESB, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57º ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, p.138, 2018.

KERSCH, Dorotea Frank; FRANK, Ingrid. **Aula de Português: percepções de alunos e professores**. *Calidoscópico*, v. 7, n. 1, 2009.

NOGUEIRA, Brenda Araújo; SANTOS, Silva Félix dos. A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA. **A importância da relação entre professor e aluno no processo de ensino aprendizagem de Língua Portuguesa**, p.1,2 e 5, 2019.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber - a teoria na prática**. Parábola Editorial, 2010.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola** / Sírio Possenti – Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996. (Coleção leituras no Brasil).

SUASSUNA, Livia. **Ensaio de pedagogia da língua portuguesa**. Editora Universitária UFPE, 2006.

SOBRE AS AUTORAS:

Ellen Silva dos Santos

Graduanda em Letras Vernáculas, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; Bolsista voluntária de Iniciação Científica do Projeto de Pesquisa Dados Orais da

Microrregião de Vitória da Conquista: Construção de um Corpus Oral Digital Anotado;
Bolsista do Programa Residência Pedagógica – Subprojeto de Língua Portuguesa.
E-mail: ellensilvaa007@gmail.com.

Jaqueline Alves de Oliveira

Graduanda em Letras Vernáculas no campus de Vitória da Conquista UESB; bolsista no
Programa Residência Pedagógica. E-mail: jaqueoliiveira123@hotmail.com

Ana Maria de Oliveira Lima

Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagem. Professora Assistente do Departamento
de Estudos Linguísticos e Literários – DELL/ UESB. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa
Ensino e Aprendizagem do Letramento, da Leitura, Escrita e Reescrita de textos – GPPELLER.
E-mail: ana.maria@uesb.edu.br

Zeneide Paiva Pereira Vieira

Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Sudoeste da
Bahia – UESB. Professora Adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários -
DELL/UESB. Docente Orientador do Programa Residência Pedagógica - Subprojeto de
Língua Portuguesa. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa LabCulTLet-Laboratório de Culturas,
Trabalho e Letramento do professor. E-mail: zeneide.pava@gmail.com